

Selección de poemas de Vivaldo Andrade dos Santos

Las botas [las botas]

Meu pai não montava a cavalo,
Mi padre no montaba a caballo
 não ia pro campo.
No iba para el campo.
 Montava trolley,
Subía en el trolley
 ia pra linha arrumar trilhos
iba para las vías arreglar los rieles
 pregar dormentes plantar capim-santo.
poner a los durmientes plantar hierba santa.
 Trabalhava mandava calangava dava bordoadas acariciava gatos.
Trabajaba mandaba improvisaba versos pegaba mimaba gatos
 É cobra ninguém toca ninguém mata cala a boca deixa passar!
Es serpiente nadie la toca cállate la boca déjala pasar

Meu pai não campeava terras.
Mi padre no campeaba tierras.
 Não tinha ouro, gado não tinha.
No poseía oro, no poseía ganado.
 Terra que tinha, pouco durou.
Tierra que poseía, duró poco.
 Ambicionava escritura de diversos alqueires
Tenía ambiciones de escritura de diversas fanegas
 de por obséquio sua excelência de praxe o doutor me dá licença de perguntar?
de por obsequio su señoría de costumbre el doctor me permite preguntarle a usted?
 Um falar gaguejado de gosto de língua desmedida
Un habla tartamudeado con sabor a lengua desmedida
 que dizia muito dos mistérios
que decía mucho de los misterios
 o que for será
será lo que será
 a vida recém começa.
la vida recién empieza.

Olho de perto, vejo meu pai.
Miro de cerca, veo a mi padre.
 Esse aí no banco do terreiro é ele.
Ese ahí en el banquillo afuera de la casa es él.
 A pele envelhecida que o sol buscou nos anos de estrada de ferro hoje busca o sol.
La piel enviejecida que el sol buscó en los años de ferrocarril hoy busca al sol.
 Fazem-lhe companhia dois, três, quatro, cinco gatos.
Le acompañan dos, tres, cuatro, cinco gatos.
 Sabrina, a gata preta que já deu cria dezenas de vezes, o olha de longe.
Sabrina, la gata negra que ya dió la luz decenas de veces, lo mira desde lejos.
 Foguinho Capitão do Mato Daiana Coronel

Foguinho Capitão do Mato Daiana Coronel

o ajudam a esquecer da morte.

le ayudan a olvidarse de la muerte.

Todos esperam. A mãe, os irmãos, os gatos.

Todos esperan. La madre, los hermanos, los gatos.

Viver é fazer hora-extra

Vivir es trabajar horas extras

murmura no querer falar pouco

murmura en no querer hablar mucho

a gata deu cria uma vez mais naquela terra da serra sonho moinhos e a bica

tem água limpa

la gata dió a la luz una vez más en aquella sierra sueño molinos y la fuente

tiene agua limpia

mas isso é procê e os demais que são jovens e o futuro espera.

pero eso es patí y los demás que son jóvenes y el futuro espera.

Olho de perto, vejo no longe meu pai.

Miro de cerca, veo en lo lejano a mi padre.

Olhos brancos que um dia já riram com Oscarito, com Grande Otelo,

Ojos blancos que cierta vez han reído con Oscarito, con Grande Otelo

que se acenderam com o tiro certo e a boca torta do falar pra dentro de

John Wayne e o bigode

que se alumbraron con el disparo certero y la boca tuerta del hablar hacia

adentro de John Wayne

y el bigote

bandido de Fernando Sancho se aquietam nessa quase escuridão do dia.

bandido de Fernando Sancho aquíétanse en esa casi oscuridad del día.

No silêncio ecoam mulheres putas muzungus o mistério de algum filho bastardo

En el silencio ecoan mujeres putas burdeles muzungus el misterio de algún

hijo bastardo

e a fala que mandava engomar o paletó de linho em dia de baile

y el habla que mandaba planchar el saco de lino en día de baile

dia que era possível que compadre Zé Domingo riscasse a faca no chão

día que era posible que compadre Zé Domingo afilese el cuchillo en el piso

se a mulher não o quisesse.

si alguna mujer no lo quisiese.

Olho de perto, vejo meu pai.

Miro de cerca, veo a mi padre.

As mãos descascam alho.

Las manos pelan el ajo.

A faca treme.

El cuchillo tiembla.

As mãos tremem.

Las manos tiemblan.

A palavra na boca treme.

La palabra en la boca tiembla.

A mão que levanta a colher à boca treme

La mano que alza la cuchara a la boca tiembla.

e é a mesma mão que já se levantou irada,

y es la misma mano que en el pasado se alzó irada

numa ira sem origem, de dentro do que é mais miolo no ser.
en una ira sin origen, de desde adentro de lo que es más meollo en el ser.

Olho meu pai de perto e vejo-me no longe.
Miro mi padre de cerca y véome en lo lejano.
Olho as minhas mãos e as mãos dele.
Miro mis manos y sus manos.

Sentado no seu colo lhe acaricio o rosto.
Sentado en su regazo le acaricio el rostro.
Sinto a barba rala.
Siento su barba rala.

Pela primeira vez sinto homem meu pai,
Por la primera vez siento hombre mi padre,
e sou menino.
y soy niño.

Índio velho preto velho suas ervas suas teimosias seus mundos imaginários
Indio viejo negro viejo tus hierbas sus testarudezes tus mundos imaginarios
Queria tirar uma vez mais as suas botas
Me gustaría sacar una vez más tus botas
depois dessa longa marcha
después de esa larga marcha
só para o descanso dos seus pés.
solo para el descanso de tus pies.

No. I didn't come to conquer

No. I won't cut off your hair because of my stuttering voice.
If ten years were needed for Ulysses to get back to Ithaca,
I am wondering how many swimming strokes
will be needed for me to swim along the deep,
dark and thick waves of your hair in order to reach Tunis.
I am aware of the bond you have with sharks
and how they guard you in the waters
of the Mediterranean sea.

Old stories are told about them tearing the flesh of those who dared to cross
to your territory.

I am aware of the blooms of jellyfish
that weave the pinkish glittering bridal veil
as you wear your watery dress,
moving your fins as you glide through the calm streams.

I am aware that at the slightest agitation and a simple stir in the water will
cause you to be taken away, in a flash, by the school of fish that follows
your wet shadow.

No. I didn't come to conquer.

I ask you for nothing but to allow me to listen to the song
that comes from three thousand feet deep,
from over two thousand years of history of the Maghrebian people.

The song that your ancestors blew in spiral conch shells
echoing the battles of Hannibal and Hasdrubal,
the tinkling in chests of gold and silver coins that Dragut dreamed of,
the song of the cry of the galley slaves wept by their commanders,
the song of despair of immigrants drowning before reaching *terra firma*,
the silent sound of Turkish and French shipwrecks buried in algae and resting
among corals.

No. I didn't come to conquer.

But to listen to the Malouf that makes me shiver
when you and Dhafer Youssef speak in a murmur of waves,
in a language that is not mine.

Latomia

Esta casa rudimentar,
armada de cipó e ripas,
bambu e barro, foi.
Reboco de nós em varas,
frespas e farpas,
amassar de lama
amarela mole
e nenhum ouro mineiro,
nada mais que malacachetas, foi.
Enfumaçada pela chama que cozia antes,
memória de um fogo apagado na parede
hoje, seca, quebradiça é.
A argamassa casinha maribondo,
dormida de barbeiro,
companheiro de tocaia.
Resta o caibro,
o esteio da cumeeira,
hoje o pau brocado,
a vara carcomida
o enfeite do picumã,
das teias de aranha.
O sapé verde de antes
hoje isca o incendeio.
O de outrora exposto à intempérie
hoje dá vazão à pinga no chão batido,
ao silêncio de rudimentos,
a essa língua molambenta,
a essa latomia
que *sequer* poesia.

Oda a la tiza

Busco entender la tiza
en su blancura cilíndrica:
el desangrar ario de las palabras de existencia breve.
La cicatriz del trazo sin dolor y sin historia
en la piel verde de la pared.
No hay ninguna nostalgia
por palabras que no han sido,
sino por este quedar acumulado en la ausencia,
en la memoria de la pizarra.

O amor
O amor
De um sim
De um não
De um senão
Deu um sinal

Me atravessou
Me aninhou
Me assanou
De assalto
Me tomou
E num sobressalto
ventania se fez
Depois vendaval
Enxurrada
Adentrou terra
Se amansou

Por fim
O amor se fez
chuva miúda
garoa
Para não mais
Que apagar poeira.